



DOSSIÊ: TEMÁTICA LIVRE

## O corpo em sofrimento e a Irlanda dos *millenials* em “At the Clinic”, de Sally Rooney

*The Body in Pain and Millennial Ireland in “At the Clinic” by Sally Rooney*

*El cuerpo que sufre y la Irlanda millennial en “At the Clinic” de Sally Rooney*

**Mariana Bolfarine<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-3342-2547](https://orcid.org/0000-0002-3342-2547)  
[mariana.bolfarine@ufr.edu.br](mailto:mariana.bolfarine@ufr.edu.br)

**Recebido em:** 17 dez. 2022.

**Aprovado em:** 03 ago 2023.

**Publicado em:** 07 dez 2023.

**Resumo:** Sally Rooney é um fenômeno recente na literatura irlandesa. Considerada por críticos uma “nova Jane Austen”, suas narrativas enfocam a sua própria geração – dos *millennials* – sob a perspectiva irlandesa do período *post-crash*, de reconstrução econômica e social seguinte ao fracasso do *boom* econômico conhecido por Tigre Celta. Diante disso, argumento que o ponto nevrálgico de “At the Clinic” (2016), de Sally Rooney, é a premissa de que o individual se torna político, visto que o corpo, atravessado pelas condições socioeconômicas acima descritas, é representado como local de sofrimento e, ao mesmo tempo, de superação. Tomando por base a forma como Dillane, McAreavery e Pine (2016) versam sobre o corpo em sofrimento, investiga-se a maneira pela qual os personagens Marianne e Connell lidam com a (in)expressibilidade discursiva da dor. Para isso, a análise girará em torno daquilo que Chris Weedon (1987) define como senso comum e normalidade e como esses preceitos atuam na maneira pela qual Marianne e Connell se relacionam. Em “At the Clinic”, suas subjetividades se (des)constroem mutuamente, contudo, a ênfase é dada a Marianne pois, ao mesmo tempo que ela enfrenta a dor física durante a extração de um dente do siso inflamado, ela confronta as dores emocionais geradas por uma família disfuncional e relacionamentos abusivos.

**Palavras-chave:** corpo; dor; normalidade; subjetividade; superação.

**Abstract:** Sally Rooney is a recent phenomenon in Irish literature. Considered by critics a “new Jane Austen”, her narratives revolve around her own generation – the millennials – from the Irish perspective of the “post-crash” period subsequent to the failed economic boom, known as the Celtic Tiger. In view of this, I argue that what lies at the crux of “At the Clinic” (2016), by Sally Rooney, is the premise that the individual becomes political, since the body, is represented as a site of suffering and at the same time of overcoming. Based on how Dillane, McAreavery and Pine (2016) tackle the body in pain, we investigate the way in which the characters Marianne and Connell deal with the discursive (im)possibility to express pain. The analysis will focus on what Chris Weedon (1987) defines as common sense and normality and how these tenets influence the relationship between Marianne and Connell. In “At the Clinic”, the characters’ subjectivities are mutually (de)constructed, however, emphasis is placed in Marianne for, at the same time that she must face the physical pain of the extraction of an inflamed wisdom tooth, she confronts the emotional pain generated by a dysfunctional family and abusive relationships.

**Keywords:** body; pain; normality; subjectivity; overcoming.

**Resumen:** Sally Rooney es un fenómeno reciente en la literatura irlandesa. Considerada por la crítica una “nueva Jane Austen”, sus narrativas giran en torno a su propia generación – los *millennials* – desde la perspectiva irlandesa del período “post-crash” posterior al fallido boom económico, conocido como el Tigre Celta. En vista de esto, sostengo que lo que subyace en el meollo de “At the Clinic” (2016), de Sally Rooney, es la premisa de que el individuo se vuelve político, ya que el cuerpo es representado como un sitio de sufrimiento y en el mismo



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), Rondonópolis, MT, Brasil; Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT, Brasil.

tiempo de superación. Basándonos en cómo Dillane, McAreavery y Pine (2016) abordan el cuerpo en dolor, investigamos la forma en que los personajes Marianne y Connell abordan la (in)expresibilidad discursiva del dolor. El análisis se centrará en lo que Chris Weedon (1987) define como sentido común y normalidad y cómo estos principios influyen en la relación entre Marianne y Connell. En "At the Clinic", las subjetividades de los personajes se (de)construyen mutuamente, sin embargo, se pone énfasis en Marianne porque, al mismo tiempo que debe enfrentar el dolor físico de la extracción de una muela del juicio inflamada, ella también enfrenta el psíquico generado por una familia disfuncional y relaciones abusivas.

**Palabras clave:** cuerpo; dolor; normalidad; subjetividad; superación.

### Sally Rooney e a Irlanda contemporânea

Sally Rooney é um fenômeno recente na literatura irlandesa. Tanto é assim, que alguns críticos a consideram uma "nova Jane Austen"<sup>2</sup>, sobretudo pelo fato de ela escrever sobre uma *slice of life*, ou seja, uma parcela específica da sociedade, que corresponde a sua própria geração – dos *millennials* – mas sob a perspectiva irlandesa do período *post-crash*. Segundo Veronica Suchodolski<sup>3</sup> (2019), os personagens de Rooney fazem questionamentos que não estão particularmente voltados à era tecnológica, mas sim sobre o que significa ser humano. Isso faz com que suas narrativas se ajustem "ao que reconhecemos como austeniano, pois "lidar com momentos como se apaixonar, crescer e encontrar seu lugar no mundo sempre foi doloroso e continua sendo até hoje – ainda que aconteça de nós estarmos no *Facebook* enquanto pensamos nisso" (Suchodolski, [2019], tradução nossa). Contudo, apesar de a obra de Rooney estar circunscrita à Irlanda,

os temas abordados em suas narrativas refletem alguns dos dilemas enfrentados por essa mesma geração, mas de outros contextos e lugares.

Sendo assim, neste artigo demonstro que, no conto "At the Clinic" (2016) de Sally Rooney, o corpo é representado como local de sofrimento e ao mesmo tempo de superação. Pensando na forma como Dillane, McAreavery e Pine (2016), versam sobre o corpo em sofrimento, investiga-se a maneira pela qual Marianne e Connell, os dois protagonistas de "At the Clinic", lidam com a (in)expressibilidade da dor, física e psíquica. Para isso, a discussão também girará em torno daquilo que Chris Weedon (1987) quer dizer por senso comum e normalidade e se (e como) esses conceitos estão indiretamente presentes na maneira pela qual Connell e Marianne se relacionam em "At the Clinic".

### O relacionamento e o "senso comum"

Segundo Chris Weedon (1987), a convicção de que o pessoal é político representa um dos pressupostos fundamentais da teoria e prática feministas contemporâneas. O pessoal abrange a natureza do indivíduo, adquirida socialmente ou fruto de experiência individual. No entanto, o pessoal, não pode ser tomado como garantido sem que sejam reproduzidas suposições sobre subjetividade, linguagem e significado.

As principais características do senso comum baseiam-se na compreensão do indivíduo e da subjetividade de modo que se pressupõe um senso de "normalidade" e a existência de uma "essência" (Weedon, 1987, p. 74). A teórica afirma que para que se mantenha a "ordem tradicional"

<sup>2</sup> A esse respeito, Sally Rooney disse em uma entrevista que muitos críticos notaram que seus livros são romances do século XIX, ao qual pertence a escritora britânica Jane Austen, mas sob uma roupagem contemporânea: "Believe me: Rooney told me, 'A lot of critics have noticed that my books are basically nineteenth-century novels dressed up in contemporary clothing.'" Ver: COLLINS, Lauren. Sally Rooney gets in your Head. *The New Yorker*, Is. 11, Jan 7, 2019. Disponível em: [https://www.newyorker.com/magazine/2019/01/07/sally-rooney-gets-in-your-head?utm\\_source=onsite-share&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=onsite-share&utm\\_brand=the-new-yorker](https://www.newyorker.com/magazine/2019/01/07/sally-rooney-gets-in-your-head?utm_source=onsite-share&utm_medium=email&utm_campaign=onsite-share&utm_brand=the-new-yorker). Acesso em: 2 dez. 2023.

<sup>3</sup> A citação completa associa os valores presentes na obra de Rooney como "austenianos": "Os personagens de Pessoas normais estão fazendo grandes perguntas sobre o que significa ser humano, e essas questões não parecem particularmente ligadas à era tecnológica. É por isso que a narrativa se adapta tão facilmente ao que reconhecemos como austeniana: porque navegar em eventos como apaixonar-se, crescer e encontrar o seu lugar no mundo sempre foi tão torturante, e continua a ser hoje – mesmo que aconteça de nós também estar no Facebook enquanto pensamos nisso" (tradução nossa). Do original: The characters in *Normal People* are asking big questions about what it means to be human, and these questions don't feel particularly attached to the technological age. That's why the narrative conforms so easily to what we recognize as Austenian: because navigating events like falling in love, growing up and finding your place in the world have always been so exquisitely torturous, and continue to be today—even if we happen to also be on Facebook while we're thinking about it. Ver: SUCHODOLSKI, Veronica. Why Calling Sally Rooney a 'Millennial Novelist' Does Her a Diservice. *Observer*, Is. 11, 4 out. 2019. Disponível em: <https://observer.com/2019/04/sally-rooney-is-more-than-a-millennial-writer-normal-people-shows>. Acesso em: 4 dez. 2023.

das relações de gênero biológico, masculino e feminino, é necessário pressupor a existência de um sujeito racional, fruto do liberalismo, guiado pelo senso comum (Weedon, 1987, p. 74). O senso comum desempenha um papel importante para a manutenção das diferenças entre os gêneros como foco de poder na sociedade à medida que os indivíduos são submetidos à diferenciação de gênero desde o nascimento, e é o senso comum que dita o que é "natural".

De acordo com Weedon, a psicanálise ressalta que é na linguagem, não na ciência ou na biologia, que as diferenças adquirem significado para o indivíduo. A teórica explica que a linguagem ocupa um papel fundamental ao diferenciar o comportamento assertivo do condescendente e nos mostra o que é aceito como normal e anormal. No entanto, como a linguagem não é monolítica, significados dominantes podem ser contestados e, inversamente, significados alternativos, afirmados.

No âmbito familiar, a principal preocupação da maioria dos pais é com a "normalidade", necessária para o futuro sucesso dos filhos nas duas esferas mais valorizadas da vida adulta: a família e o trabalho. Como consequência do senso comum que orienta a sua criação, desde a mais tenra idade a mulher apreende o que se espera dela. Nas sociedades patriarcais é difícil escapar das implicações da feminilidade, pois a organização heterossexual é a estrutura motivadora da mente, consciente e inconscientemente. Contudo, formas potenciais de resistência estão presentes em todas as áreas sociais, no vestuário, por exemplo. Contudo, a subjetividade consciente adquirida pela linguagem é vista como instável e como processo. Assim, segundo Weedon, é necessário olhar com cuidado para o conceito de subjetividade, considerado por Julia Kristeva, em *Revolution in Poetic Language* (1984), como um processo aberto à mudança. A noção de "subject in process/sujeito em processo" de Kristeva (1984, p. ix) está relacionada à instabilidade inerente ao sujeito do discurso racional e da ordem simbólica da linguagem.

Enxergar a subjetividade como um processo

aberto a mudanças não é negar a importância de formas de investimento subjetivo individual, nem sugerir que estruturas materiais, como a família, a educação e o trabalho, que constituem e disciplinam nosso senso de nós mesmos possam ser alteradas na esfera da linguagem. Práticas discursivas estão incorporadas em relações de poder imateriais que também exigem transformação para que a mudança seja concretizada. São as relações materiais de poder que se inserem nas práticas discursivas e nas possibilidades de resistência.

A preocupação do pós-estruturalismo com a construção discursiva da subjetividade é motivada pela necessidade de se compreender a posição de mulheres como indivíduos na sociedade e as maneiras pelas quais elas resistem a formas específicas de poder (Weedon, 1987, p. 74). Dito isso, este estudo investiga o modo como questões de linguagem e subjetividade estão presentes no conto "At the Clinic" por meio da relação entre os personagens Marianne e Connell. Será demonstrado como Marianne é um "sujeito em processo" que precisa enfrentar a dor física da infecção e posterior extração de um dente do siso. Como resultado, ela também se torna capaz de confrontar seus relacionamentos amorosos e familiares, mal resolvidos e abusivos, e o fato de ser uma jovem mulher na Irlanda *millennial* e "post-crash".

### A Irlanda *post-crash* e o romance *millennial*

A fim de se compreender como são construídas as subjetividades de Connell e Marianne, é necessário (re)conhecer os impactos dos movimentos históricos que datam da colonização da Irlanda pela Inglaterra na sua posterior constituição como República da Irlanda em 1922. Um importante marco durante o processo colonial foram as Leis Penais (1691-1760) que proibiram a prática do catolicismo, bem como o uso da língua gaélica, alavancando o conflito entre católicos e protestantes que culminou na partilha da Irlanda em 1922 e perdurou até o Acordo de Paz de 1998. Como resposta a esses anos de opressão, após a

independência o catolicismo foi instituído como religião oficial da Irlanda. Segundo o historiador Diarmuid Ferriter (2004), durante o governo do então presidente Eamon de Valera, do Partido republicano irlandês (1959-1973), a Igreja Católica ficou encarregada de controlar a educação e a moralidade, com base na ideia de pecado original. Esse discurso da igreja tinha como foco o corpo e a repressão dos desejos sexuais. Jovens que estudavam em conventos e seminários ficavam enclausurados a partir dos 14 anos para serem educadas para ordens religiosas (Ferriter, 2004).

No ano de 1960, o primeiro-ministro, *Taoiseach* Séan Lemass, instituiu o plano de desenvolvimento econômico que foi um ponto de virada econômica em virtude da sua abertura para empresas estrangeiras. Treze anos depois, a Irlanda ingressou na União Europeia, mas em 1980 vivenciou uma segunda crise econômica, até que de 1995 a 2000, a Irlanda se tornou conhecida como o Tigre Celta, em virtude do rápido crescimento econômico, alimentado por capital estrangeiro. Contudo, o Tigre durou pouco e, na virada do século, instaurou-se uma crise de especulação imobiliária que atingiu seu pico em 2008. Houve um rápido aumento dos preços dos imóveis, fazendo com que aqueles que investiram, não fossem capazes de pagar a hipoteca (Ferriter, 2004).

Durante os 18 meses que se seguiram, a economia irlandesa entrou em colapso; o setor de construção privada ruiu resultando nas *empty houses*, construções abandonadas que servem de pano de fundo para passagens do romance *Normal People*, de Sally Rooney. Entretanto, a recuperação em 2014, período conhecido por *post-crash*, ou pós-crise, resultou na precarização dos empregos e na dificuldade de se conseguir fazer financiamentos para a compra de imóveis, além do aumento nos valores dos aluguéis, especialmente em Dublin. Como consequência, há atualmente uma escassez de moradia em Dublin, resultando em pessoas, e até mesmo famílias,

morando em carros, como pode ser comprovado pelo censo de 2016, segundo o qual havia 260 mil casas desocupadas na Irlanda – informação apurada por Gray, Geraghty e Ralph (2016) junto ao *Irish Times* no mesmo ano.

O período *post-crash* trouxe um retrocesso em termos da maturidade social e financeira dos jovens, visto que 1/3 desses, entre 18 e 34 anos, continuam morando com os pais ou em locais afastados com aluguel mais baixo, *commuting*, ou seja, viajando de casa para o trabalho (Gray; Geraghty; Ralph, 2016). As transformações econômicas também influenciaram mudanças sociais, como a desinstitucionalização do casamento, a quebra na ordem (e na necessidade) das etapas que culminariam no casamento e na maternidade/paternidade tornando as relações de gênero mais flexíveis com a permanência da mulher no mercado de trabalho após a maternidade. Ademais, houve uma crescente individualização, à medida em que "famílias de escolha" substituem as "famílias do destino" (Gray; Geraghty; Ralph, 2016).

Após uma década do colapso do Tigre Celta, a Irlanda *post-crash* foi marcada por uma literatura escrita por homens e mulheres que atingiram a maturidade após o boom econômico: *The Glorious Heresies* (2015), de Lisa McLnerney, *Solar Bones* de Mike McCormack e, é claro, a obra de Sally Rooney, referida mais adiante. A principal característica dessas narrativas é o foco em diferentes aspectos da recessão e o reconhecimento de que a experiência da crise não foi a mesma para todos.

Em uma entrevista para o *Irish Times* (2019), Rooney afirma que, em sua obra, ela não fala por um grupo de pessoas:

Eu certamente nunca tive a intenção de falar por ninguém além de mim mesma. Eu tenho dificuldade de falar até por mim. Meus livros podem fracassar como empreendimentos artísticos, mas não quero que eles falhem por não conseguirem falar para uma geração pela qual eu nunca pretendi falar (apud Sudjic [2019]).<sup>4</sup>

Contudo, podemos inferir, pelo grande suces-

<sup>4</sup> Do original: I certainly never intended to speak for anyone other than myself. Even myself I find hard to speak for. My books may as well fail as artistic endeavors, but I don't want them to fail for failing to speak for a generation for which I never intended to speak for in the first place.

so tanto dos livros quanto das minisséries<sup>5</sup> que, embora Rooney não fale "por" essa geração, que também é sua, está escrevendo "sobre" ela, como uma fatia de vida, mas não desconectada do todo, pois, para os *millenials* vivendo na Irlanda *post-crash*, classe social permeia todas as relações.

Sudjic (2019) explica que não há um consenso sobre se um romance *millenial* é caracterizado pela idade do autor (entre 1981-1996), de seus protagonistas, ou mesmo dos seus leitores. De modo geral, são narrativas que refletem a forma como os jovens pensam e se comportam, como lidam com a cultura digital, com questões de classe, de relacionamento e sexualidade, bem como com as limitações trazidas pela precarização do mercado de trabalho. Como a obra de Rooney demonstra, protagonistas dessas narrativas chegam à idade adulta geralmente ansiosos, deslocados, sarcásticos, raivosos ou com um humor sombrio que transmite vergonha, tristeza ou insegurança. Além disso, os personagens tendem a se autossabotar, se automutilar e se envolverem em relacionamentos abusivos e/ou sadomasoquistas (Sudjic, [2019]).

Sally Rooney nasceu em 1991, em Castlebar, Irlanda. Aos 29 anos, tornou-se vencedora do *Costa Award*. É autora de contos e de três romances: *Conversation with Friends* (2017) e *Normal People* (2018), cuja popularidade atravessa o globo, além de seu mais recente trabalho *Beautiful World Where are You* (2021).

"At the Clinic" é um conto, originalmente publicado *online*, no periódico *The White Review*, em 2016, dois anos antes do romance *Normal People*. No entanto, apesar de o conto apresentar uma pequena parte da história dos protagonistas desse romance, Connell e Marianne, o enredo de "At the Clinic" passa-se em um tempo posterior ao do romance. Por isso, ambas as histórias podem ser lidas como uma sequência. *Normal People* pode ser considerado um *Bildungsroman*, um romance de formação que narra o processo de amadurecimento de Connell e Marianne e do relacionamento entre eles, da adolescência até

o final da universidade.

Connell e Marianne são jovens de classes sociais diferentes. Ele vive uma relação de amizade e cumplicidade com a mãe solo, que trabalha fazendo limpeza na mansão de Marianne, cujo pai violento havia morrido, restando-lhe lidar com a mãe indiferente e com o irmão abusivo. Apesar de Connell frequentar a casa de Marianne em virtude do trabalho da mãe e por manterem um relacionamento escondido, eles não conversam entre si na escola, pois ela sofre *bullying* por ser considerada feia e estranha. Subentende-se que pelo fato de Connell ser popular entre as meninas e os amigos, ele sente vergonha de assumir publicamente o seu relacionamento amoroso para não manchar a sua reputação de popular e "bom moço". Por conseguinte, Marianne se sente cada vez mais alienada do ambiente escolar, sensação que chega ao ápice quando ele convida outra menina para ir ao baile de formatura, fazendo com ela deixe de frequentar a escola.

No entanto, essa situação é revertida quando ambos são aceitos na prestigiada Trinity College Dublin. Ela, como estudante de Ciências Políticas, rapidamente se adapta àquele ambiente frequentado por pessoas financeiramente abastadas e privilegiadas e passa a ser popular; enquanto ele, por ser proveniente da classe trabalhadora, sente-se deslocado. A partir desse momento, a trama de *Normal People* enfoca as idas e vindas dos dois e os entraves com os quais se deparam nessa nova jornada como jovens adultos saídos do interior, Carricklea, para a capital, Dublin.

Tendo o título do romance, *Normal People*, como ponto de partida, inferimos que o conceito de "normalidade" é o seu ponto-chave, que visto que reflexões sobre "ser normal", relacionamentos "normais", empregos "normais" permeiam a narrativa. Rooney não está se restringindo apenas aos personagens que cria; segundo Sian Cain (2019), *Normal People* é um romance desta década:

[É] uma obra literária branda – mas é também um romance *zeitgeist* (apesar de ter sido ambientado há cinco anos). É difícil não sair do livro

<sup>5</sup> *Normal People* e *Conversations with Friends* foram adaptados para seriados televisivos pela RTÉ (rede de televisão irlandesa), BBC e Hulu, dirigidos pelo célebre cineasta irlandês Lenny Abrahamson.

de Rooney, sobre dois jovens que atravessam a vida adulta na Irlanda pós-crise, com a sensação de que, de alguma forma, a autora detectou algo intangível sobre o nosso tempo e o expôs. Tal como outros romances *zeitgeist*, [...] *Normal People* aprisionou um momento – neste caso, o novo sentido de precariedade coletiva – seja individual, econômico ou político (Cain, [2019], tradução nossa).<sup>6</sup>

*Normal People* é, de acordo com Cain, um romance *Zeitgeist*, termo alemão que significa espírito de uma época, sobre dois jovens aprendendo a lidar com a vida adulta em um momento específico da história irlandesa, encapsulando valores, desafios, encontros e desencontros. Nessa chave, *Normal People* não seria apenas sobre Connell e Marianne, mas retrataria também dilemas e desafios enfrentados por *millenials* no mundo global.

Algumas características diferenciam *Normal People* e "At the Clinic" de narrativas irlandesas escritas em períodos anteriores. Há uma quebra com os valores ligados ao catolicismo que assombrava as gerações passadas, como a da renomada escritora Edna O'Brien<sup>7</sup>, em especial as mulheres. Desse modo, como não há mais culpa atrelada ao prazer do corpo, ocorre uma maior abertura e desenvoltura no tratamento literário da relação sexual, que nos romances de Rooney é sobre conexão. Desse modo, pode-se afirmar que o ato sexual se torna um "espaço" no qual os personagens se sentem seguros.

Em *Normal People*, Connell e Marianne demonstram vulnerabilidade, muitas vezes, por meio de gestos, diante da dificuldade de comunicar discursivamente aquilo que sentem. A comunicação verbal dá lugar à sensorial, por meio de gestos, como quando Marianne lhe oferece "creme de chocolate": "Ele enfia as mãos um pouco mais no fundo de seus bolsos, como se tentasse guardar seu corpo inteiro ali" (Rooney, 2018, p. 8). Outro exemplo é quando "Ele sente

as orelhas ardendo" (2018, p. 9), após Marianne sugerir que ele lhe dê aulas particulares de Literatura. Esse recurso sinestésico também está presente quando "Ele enxuga a palma da mão na blusa do uniforme distraidamente" (2018, p. 11), provavelmente para secar o suor de nervoso, ou, quando Connell diz que "estar sozinho com ela é abrir uma porta para fora da vida normal e fechá-la depois de passar" (2018, p. 13).

Em "At the Clinic", Connell e Marianne já são jovens adultos, de 23 anos, provavelmente recém-saídos da universidade, mas ainda sem um rumo definido, tanto em termos de escolhas amorosas quanto profissionais. Pode-se dizer que eles estão lidando com o fato de estarem se tornando adultos. O narrador é onisciente em terceira pessoa, alternando o foco entre Connell e Marianne, por meio do discurso indireto livre, recurso estético e literário herdado do modernismo em que o discurso do narrador se mistura ao dos personagens.

Em termos estruturais, a narrativa de "At the Clinic" pode ser dividida em três partes: antes, durante e depois da ida de Marianne ao consultório para extrair um dente do siso incluso e inflamado. A rememoração de eventos ocorridos no passado – desde a sua ida ao consultório até os momentos seguintes à extração – faz com que o tempo psicológico seja diferente do cronológico e, a partir do narrador onisciente, o conto se inicia sob a sua perspectiva:

No caminho para a clínica odontológica, eles conversam sobre voltar para casa no Natal. É novembro e Marianne vai extrair um dente do siso. Connell a está levando

para a clínica porque ele é seu único amigo que tem carro e também a única pessoa em quem ela confia sobre condições médicas desagradáveis, como dentes inclusos. Às vezes, ele a leva ao consultório médico quando ela precisa de antibióticos para infecções do trato urinário, o que acontece com frequência. Eles têm vinte e três anos (Rooney, [2016], tradução nossa).<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Do original: [It] is a quiet, literary novel – but it is a *zeitgeist* novel too (despite being set five years ago). It's hard not to emerge from Rooney's book about two young people navigating adulthood in post-crash Ireland and the sense that, somehow, the author has spotted something intangible about our time and exposed it. Like other *zeitgeist* novels, [...] *Normal People* has trapped a moment – in this case, our new sense of collective precariousness – whether individual, economic or political.

<sup>7</sup> Autora do célebre *Country Girls Trilogy* (1960-1964), que trata do desenvolvimento das amigas Caithleen Brady e Bridget Brennan, na atmosfera repressora de um vilarejo do oeste da Irlanda na década de 1960.

<sup>8</sup> Do original: On the way to the dental clinic they talk about going home for Christmas. It's November and Marianne is having a wisdom tooth removed. Connell is driving her to the clinic because he's her only friend with a car, and also the only person in whom she con-

Esse excerto insere o leitor no tempo presente, que é o inverno, época do Natal. Connell tira um dia de folga para levar Marianne até a clínica a fim de extrair o dente do siso extraído, porque é a única pessoa em quem ela confia. Contudo, esse evento é o último em termos cronológicos, pois a narrativa se inicia *in medias res*, expressão em latim que significa "no meio das coisas". Ou seja, a história se inicia no carro, durante a ida até o dentista, quando Marianne rememora alguns eventos do passado, relacionados ao dente, que culminaram nesse dia:

Connell estaciona na esquina da clínica e o rádio desliga sozinho. Ele tirou a manhã de folga do trabalho para levar Marianne à consulta, mas não contou a ela. Ele está fazendo isso em parte por culpa. Uma semana antes, no apartamento dele, Marianne fez sexo nele e depois reclamou que seu maxilar estava doendo, e ele ficou tipo, você tem que reclamar de tudo o tempo todo? Então eles discutiram. Ambos estavam um pouco bêbados (Rooney, [2016], tradução nossa).<sup>9</sup>

Nesse excerto, Connell está levando-a até a clínica pois se sente culpado por não ter levado a sua dor a sério. Eles haviam acabado de fazer sexo oral, "gave him head" (Rooney, [2016]), quando ela reclamou que a mandíbula estava doendo. Como a dor é um sentimento individual, em um primeiro momento Connell não consegue sentir empatia por Marianne e resume a sua dor à mera reclamação.

No entanto, a partir da mudança de foco pelo narrador, esse mesmo fato é lembrado por Marianne de forma distinta, e que após a relação sexual, que deveria ser um momento íntimo e de conexão, Connell afirmou que, de fato, não co-

nhecia ninguém que reclamasse tanto quanto ela:

Marianne se lembra do incidente de forma diferente. Ela se lembra de estar fazendo sexo oral em Connell no sofá, mas depois parou porque sua boca doía. Ele foi gentil e, em vez disso, eles fizeram sexo no sofá dele. Só depois, quando ela voltou a falar da boca, Connell disse: **você reclama muito mais que as outras pessoas**. Eles estavam deitados lado a lado no sofá. Marianne falou, você quis dizer do que suas outras namoradas. **Connell disse não, ele se referia às pessoas como sendo todo mundo. Ele disse que ninguém que ele conhecia reclamava tanto quanto Marianne** (Rooney, [2016], grifo meu, tradução nossa).<sup>10</sup>

Ao mesmo tempo, diferente das outras garotas com as quais Connell mantém relacionamentos superficiais, ela deduz que talvez pelo fato de eles terem mais intimidade, ele a trate de maneira pior do que as outras meninas. No entanto, Marianne vai para casa questionando o seu próprio comportamento:

Você não gosta de ouvir as pessoas reclamarem porque é incapaz de expressar simpatia, disse Marianne. Acho suspeito, ela disse. Que você sempre se relaciona com pessoas com quem na verdade não conversa. Eu, ela disse. Você me vê como um ser humano completo. É por isso que você não se sente atraído por mim. Eu me sinto sim.

Sexualmente, mas não romanticamente. [...]

Acho que se eu fosse romântico eu não gostaria que você tivesse outros namorados, ele disse. Embora, na verdade, você não goste.

Não gosto do seu gosto para namorados, isso é diferente.

[...] Marianne voltou para casa depois disso, imaginando se ela reclamava muito (Rooney, [2016], grifo meu, tradução nossa).<sup>11</sup>

A crítica feita por Connell, de que ela reclama demais, está de acordo com o que se espera do gênero feminino, pois existe um estereótipo de

fides about distasteful medical conditions like impacted teeth. He sometimes drives her to the doctor's office when she needs antibiotics for urinary tract infections, which is often. They are twenty-three.

<sup>9</sup> Connell parks up around the corner from the clinic and the radio switches itself off. He has taken the morning off work to drive Marianne to the appointment, which he hasn't told her. He's doing it partly out of guilt. A week previously Marianne gave him head in his apartment and complained afterwards that her jaw hurt, and he was like, do you have to complain about everything all the time? Then they argued. They were both a little drunk.

<sup>10</sup> Do original: Marianne remembers the incident differently. She remembers giving Connell head for a while on his sofa and then she stopped because her mouth hurt. He was pretty nice about it and they had sex on his couch instead. Only afterwards, when she started talking about her mouth again, did Connell say: you complain a lot more than other people. They were lying side by side on the sofa then. Marianne said, you mean your other girlfriends. And Connell said no, he meant people, as in everyone. He said no one he knew in any capacity complained as much as Marianne.

<sup>11</sup> Do original: You don't like hearing people complain because you're incapable of expressing sympathy, Marianne said. I find it suspicious, she said. That you always get into relationships with people you don't actually talk to. Me, she said. You see me as a full human being. That's why you're not attracted to me. Yes, I am. Sexually, but not romantically. [...] I guess if it was romantic I wouldn't like you having other boyfriends, he said. Although actually, you don't. I don't like your taste in boyfriends, that's different. [...] Marianne went home after that, wondering if she complained too much.

que é "normal" a mulher reclamar mais do que o homem. Na perspectiva dele, Marianne "reclama" demais; na dela, ele não expressa empatia em relação a sua dor. Segundo Chris Weedon, a sociedade enxerga gênero, educação e comportamentos "adequados" da criança como uma questão de senso comum que representa valores e interesses considerados "normais" e que se articulam na linguagem. O exemplo dado por Weedon é que todos sabemos como meninos e meninas "normais" devem agir. A sociedade impõe aos pais padrões de comportamento "normal", que pressupõe aquilo que é natural, apropriado e moralmente bom.

Desse modo, podemos inferir a partir dos exemplos supracitados que, considerando o tratamento de Connell para com Marianne, ela é o elo mais frágil. Esse argumento se sustenta ainda mais se considerarmos que na adolescência, retratada em *Normal People*, Connell tinha vergonha de assumir a relação com ela e os ecos dessa relação mantida em segredo reverberam nas suas vidas de jovens adultos.

### Representar o irrepresentável: o corpo em sofrimento

Para que Connell reconheça a dor que Marianne sente, essa dor precisa ser validada. Desse modo, Marianne vai a um dentista, que constata que, de fato, ela está com um dente inflamado e precisa de cuidados:

Em vez disso, o dentista deu uma rápida olhada em sua boca e receitou uma série de antibióticos para o que chamou de uma infecção "verdadeiramente desagradável". **Não estou surpreso que você esteja com dor**, disse o dentista. Esse dente está cortando sua bochecha como se fosse manteiga. [...] **Marianne sente um grande prazer pessoal em ter sua dor validada por profissionais** (Rooney, [2016], grifo meu, tradução nossa).<sup>12</sup>

Nesse excerto, o dentista é capaz de traduzir a dor do dente lacerando a sua gengiva, com-

parando-o a uma faca atravessando um pedaço de manteiga. Diferente de Connell, o dentista – figura de autoridade – constata a dor física que Marianne sente. O fato de Marianne sentir prazer pela validação do seu sofrimento contrasta com a falta de validação de Connell. O fato de o dentista confirmar a sua dor vai contra a normalização da violência, de que ela reclamava demais, e é um indício de que ela precisa ser cuidada.

Recusando o princípio de que a dor é inexprimível ou invisível, segundo Dillane, McAreavery e Pine (2016) os corpos buscam diferentes maneiras de comunicar a sua dor. É difícil dar atenção isolada ao corpo em sofrimento do outro quando a dor é um sentimento pessoal e íntimo. Tendo isso em mente, "o sofrimento permanecerá mudo, invisível e desconhecido, a menos que seja mediado ou narrativizado, testemunhado e traduzido, agrupado em uma estrutura temporal e espacial mais ampla, além de si mesma" (Dillane; McAreavery; Pine, 2016, p. 4, tradução nossa).

Além da dor no dente, Marianne convive com a dor psíquica gerada pelo seu envolvimento em relacionamentos abusivos e sadomasoquistas. Esses relacionamentos, que são descritos de forma mais recorrente em *Normal People*,<sup>13</sup> também são aludidos por Connell em "At the Clinic". Primeiro Connell pondera sobre a dor que Marianne sentirá durante a extração, mas lembra que ela será anestesiada. Em seguida, ele constata que ela não expressa a dor física porque ela já estava habituada a essa sensação. Diante disso, Connell cita o relacionamento de Marianne com Daniel, um ex-namorado que, apesar da aparência frágil e de falar sobre relações de gênero, gostava de amarrá-la e de bater nela com um cinto, conforme o excerto abaixo:

Quando a porta se fecha, Connell se levanta e vai até a janela. [...] Ele está tentando não pensar na dor de Marianne. Ele sabe que vão anestesiá-la a parte necessária da boca dela, mas isso também o deixa agitado. Marianne não expressa medo do sofrimento físico. Connell

<sup>12</sup> Do original: Instead the dentist took a quick look at her mouth and prescribed a round of antibiotics for what he called a 'truly nasty' infection. I'm not surprised you're in pain, the dentist said. That tooth is slicing through your cheek like butter. [...] Marianne takes significant personal pleasure in having her pain validated by professionals.

<sup>13</sup> *Normal People* (2018) descreve atos de violência, física e verbal, que Marianne sofria pelo pai, pelo irmão, pela convivência e indiferença da mãe e por relacionamentos abusivos, inclusive pela omissão de Connell.



já viu coisas ruins acontecendo com ela. [...] No início, ficou contente por ela ter finalmente terminado com Daniel. Ele era um daqueles designers gráficos magrinhos que usava óculos de armação grossa e falava muito sobre gênero. No aniversário de Marianne, Connell se sentou ao lado dele no bar [...] Daniel estava rindo e dizendo: masculinidade é uma coisa frágil. **Connell não mencionou o que sabia sobre certas tendências de Daniel. Você é quem gosta de amarrá-la e bater nela com cinto, ele não disse. Aposto que isso faz você se sentir um cara grandão** (Rooney, [2016], grifo meu, tradução nossa).<sup>14</sup>

Em "At the Clinic" a dor física e a dor psíquica de Marianne convergem. Há uma sobreposição desses sentimentos e sensações que, se não são narrativizados, mas permanecem invisíveis para aqueles que são incapazes de sentir compaixão. No conto, a "extração" do dente é um momento catártico, pois após o procedimento, ela finalmente consegue chorar. O choro de Marianne gera um impacto em Connell, que percebe que a dor de Marianne é resultado de um acúmulo de dores passadas e se lembra da única outra vez que a viu chorando, após um possível abuso sofrido pelo namorado da mãe:

Foi rápido, disse ele. Como você está se sentindo?

Ela dá de ombros. [...] É tarde demais. Ela está chorando. [...] Pelo menos o choro é silencioso. Connell só viu Marianne chorando uma vez, quando eram adolescentes. A mãe dela tinha um namorado na época, chamado Steven. Ele às vezes entrava no quarto de Marianne à noite para "conversar". Ela foi à casa de Connell uma noite após o acontecido, chorou e disse: Às vezes acho que mereço coisas ruins porque sou uma má pessoa. Ele nunca tinha ouvido ninguém falar desse jeito. Ele se sentiu mal, e a partir daquele momento a náusea sempre estaria ali, mesmo que ele não conseguisse

senti-la. Estava fora dele então. Vamos entrar no carro, disse (Rooney, [2016], grifo meu, tradução nossa).<sup>15</sup>

De acordo com Weedon (1987), a menos que um indivíduo seja diagnosticado como louco, presume-se que podemos confiar na sua percepção sobre o que é considerado socialmente razoável:

No entanto, a experiência está longe de ser homogênea. O que um evento significa para um indivíduo depende das formas de interpretar o mundo, dos discursos disponíveis para ele em qualquer momento. Por exemplo, a forma como uma mulher vivencia e responde à violência doméstica dependerá das formas de compreendê-la e a que ela tem acesso (Weedon, 1987, p. 79, tradução nossa).<sup>16</sup>

Marianne se sente culpada pelos seus infortúnios quando ela diz: "Sometimes I think I deserve bad things because I'm a bad person" (Rooney, [2016]). O fato de ela "normalizar" a violência envolve a sua autoimagem, a sua concepção de feminilidade, bem como suas crenças sobre masculinidade e feminilidade. Segundo Weedon:

Se ela enxerga os homens como naturalmente violentos, ou ela mesma como responsável por provocar a violência, então é pouco provável que considere isso como um exercício inaceitável de poder ilegítimo que não pode ser tolerado. Se ela encara a masculinidade e a feminilidade como naturais, fixas e não abertas à mudança, então a violência doméstica será uma questão pessoal que não uma questão política (Weedon, 1987, p. 79, tradução nossa).<sup>17</sup>

Portanto, a partir dos excertos apresentados, a insensibilidade de Connell para com o sofrimento de Marianne e a sua aceitação dessa atitude, mostra que o seu consentimento passivo da violência ultrapassa a esfera política.

<sup>14</sup> Do original: grandeWhen the door closes, Connell gets up and walks to the window. [...] He's trying not to think about Marianne in pain. He knows they'll numb the necessary part of her mouth, but this agitates him also. Marianne doesn't express fear of physical suffering. Connell has seen bad things happen to her. [...] At first, he was just glad she had finally broken up with Daniel. He was one of these skinny graphic designers who wore thick-framed glasses and talked about gender a lot. Connell sat beside him in the bar at Marianne's birthday [...] Daniel was laughing and saying: Masculinity is a fragile thing. Connell didn't bring up some things he happened to know about Daniel's proclivities. You're the one who likes to tie her up and hit her with a belt, he didn't say. I bet that makes you feel like a big guy.

<sup>15</sup> Do original: That was fast, he says. How are you feeling? She shrugs. [...] It's too late. She's crying. [...] At least the crying is silent. Connell has only seen Marianne crying once before, when they were teenagers. Her mother had a boyfriend then, called Steven. He came into Marianne's room at night sometimes to 'talk'. She went to Connell's house one night after it happened and she cried and said: Sometimes I think I deserve bad things because I'm a bad person. He had never heard anyone talk like that. He felt sick, and from that moment the sickness would always be there, even if he couldn't feel it. It was outside him then. Let's get in the car, he says.

<sup>16</sup> Do original: However, the experience of individuals is far from homogeneous. What an event means to an individual depends on the ways of interpreting the world, on the discourses available to her at any particular moment. For example, the way in which a woman experiences and responds to domestic violence will depend on the ways of understanding it to which she has access.

<sup>17</sup> Do original: If she sees men as naturally violent or herself as responsible for provoking violence then she is unlikely to see it as an unacceptable exercise of illegitimate power which cannot be tolerated. If she sees masculinity and femininity as natural, fixed and not open to change, then domestic violence will be a personal issue which is not a question of politics at all.

Assim como ocorre com a dor física do dente inflamado, que é "invisível" até o momento em que ela é validada pelo dentista, a dor psíquica, fruto da sensação de rejeição, também precisa de validação. Na escola, Connell sentia vergonha do seu relacionamento com Marianne, e pedia a ela que mantivesse segredo. Enquanto estava no consultório, ela conclui que ele sente prazer em saber das suas fragilidades: "Na escola Marianne era feia e todos a odiavam. **Ele gosta de pensar** nisso de forma sádica quando sente que ela está levando a melhor sobre ele na conversa" (Rooney, [2016], grifo meu).<sup>18</sup> O verbo no tempo presente, "Ele gosta de pensar/He likes to think", indica que essa sensação ainda é válida, e que ele gosta de evocar a memória de quando todos a achavam feia quando ela se destaca em relação a Connell que, por sua vez, aponta para o quanto Marianne se "degradava" para conquistar seu afeto:

No último ano de escola, ele tirou a sua virgindade e pediu que não contasse às pessoas, embora ele não se sinta mais tão bem relação a isso. [...] Marianne se sente humilhada por Connell não ter contado a ela sobre Lauren até agora. [...] Ela se pergunta se Connell não contou a ela porque a acha desesperada. Aos 23 anos, Marianne é ocasionalmente sujeita às mesmas ansiedades sombrias que caracterizaram sua vida adolescente. Durante a época da escola ela desprezava os outros, mas ao mesmo tempo era tomada pelo medo do desprezo. Connell foi a primeira pessoa que realmente gostou dela, e nem ele falava com ela na frente dos amigos. **Ela fazia coisas degradantes para reter o afeto dele e fingia não as considerar degradantes.** Ela ficava quieta, ao fundo, durante suas ligações (Ronney, [2016], grifo meu, tradução nossa).<sup>19</sup>

Esses excertos demonstram que, na batalha pela subjetividade de gênero, o argumento racional tem um papel pequeno a desempenhar, pois os lócus institucionais do discurso responsáveis pela socialização da criança – família, escola, religião, mídia – funcionam pela autoridade

e pela imposição do que é natural, normal. O indivíduo que possui um senso de identidade constituído é capaz de resistir a certas interações ou produzir novas versões de significados a partir dos conflitos e contradições entre os discursos existentes. Segundo Weedon (1987), conhecimento acerca de mais de um discurso e o reconhecimento de que o significado é plural permitem, em certa medida, a escolha por parte do indivíduo e, mesmo quando a escolha não está disponível, a resistência torna-se possível. Weedon (1987) complementa que em posicionamento pós-estruturalista sobre a subjetividade relativiza o senso do indivíduo de si mesmo, tornando-o um efeito do discurso aberto à redefinição contínua e que está constantemente escorregando; a certeza do humanismo com sua essência desaparece. No início de "At the Clinic", Marianne não enxerga que pode escolher sair do ciclo de abusos que vem enfrentando e que, assim como a extração do dente inflamado irá aliviar a dor, a superação é uma porta que pode se abrir para ela também.

### O "dente do juízo" e a superação

Após a extração do dente, Connell e Marianne saem no consultório e entram no carro. Ela continua chorando e ele, novamente, é capaz de perceber como as subjetividades de gênero determinam a relação entre eles. Ele sabe que ela chora devido à dor da extração, mas também nota a sua vulnerabilidade, que o excita sexualmente. Desse modo podemos supor que, nos romances de Rooney, sexo é também sobre conexão: como mentes e corpos interagem e como os personagens existem sem saber o que o outro está pensando. Seu tratamento do sexo é ao mesmo tempo natural, explícito e tradicional, não havendo grande experimentação

<sup>18</sup> Do original: He likes to think about this sadistically when he feels she's getting the better of him in conversation.

<sup>19</sup> Do original: In school Marianne was ugly and everyone hated her. He likes to think about this sadistically when he feels she's getting the better of him in conversation. In their last year of school, he took her virginity and then asked her not to tell people, although he doesn't actually feel very good about that any more. [...] Marianne feels humiliated that Connell hasn't told her about Lauren until now. [...] She wonders if Connell hasn't told her because he finds her desperate. As a twenty-three-year-old Marianne is occasionally subject to the same dismal anxieties that characterised her adolescent life. Throughout school she was contemptuous of others, but simultaneously seized by a fear of other people's contempt. Connell was the first person who really liked her, and even he wouldn't speak to her in front of his friends. She did degrading things to retain his affection and pretended not to find them degrading. She stayed quiet in the background of his phone calls.

nesse sentido. Não há culpa religiosa atrelada ao prazer do corpo, anteriormente considerado local de pecado.

De acordo com Dawn Foster (2019), os personagens de Rooney são verossímeis em suas relações; eles são vulneráveis, sentem dor e se machucam. A esse respeito, Suchodolski afirma que os romances de Rooney são irresistíveis porque podemos nos reconhecer neles: "Ao longo do romance, Rooney aborda esta e outras questões, como onde traçar a linha entre o amor e o abuso, ou se a vida humana tem sentido". (Suchodolski, [2019])<sup>20</sup>. O fato de Connell se dar conta da vulnerabilidade de Marianne, do prazer que sente em se lembrar de que ela já foi excluída na escola e que continua chorando, incita sua atração por ela:

De uma maneira, de certa forma, complexa, esta questão, combinada com o facto de Marianne está visivelmente chorando, excita-o. Ele pensa, involuntariamente, no corpo nu dela. Ele considera isso **uma imagem de vulnerabilidade, e não algo sexual**, mas parece ambos. Ele sabe que ela está chorando simplesmente por causa de uma dor física residual, da qual ele não sente nenhum prazer. **Mas o desejo dela de ser cuidada o toca** (Rooney, [2016], grifos meus, tradução nossa).<sup>21</sup>

Vale destacar que a atração de Connell por Marianne é de caráter sexual, mas que não é isenta da vontade de cuidar. No entanto, Marianne também tem consciência de que ela tenta esconder o que sente, e essa complexidade dos seus sentimentos por ele, faz com que ela não consiga se expressar discursivamente:

Ele observa o trânsito como se estivesse pensando em outra coisa. [...]. Essa é uma das muitas estratégias que ela emprega para esconder sente por Connell. De qualquer forma, o que ela sente não se expressa facilmente. As pessoas amam todo tipo de coisa: seus amigos, seus pais. Os mal-entendidos são inevitáveis.

**Você ainda está chorando, não é? ele diz.**

**A dor está voltando agora, ela diz. É só isso** (Rooney, [2016], grifo meu, tradução nossa).<sup>22</sup>

Connell, entretanto, é capaz de enxergar aquilo que ela pensa estar escondendo e, ao perguntar "se" ela continua chorando, talvez ele esteja querendo saber o "porquê". A essa pergunta, a resposta de Marianne possui um duplo sentido. Quando ela estava anestesiada, sentia como se aquela boca não lhe pertencesse e como se estivesse descentrada, ocupando um outro corpo: "[...] she tries to swallow. Her mouth feels wrong, she's in the wrong body" (Rooney, [2016]). No entanto, à medida que a anestesia deixa de fazer efeito, ela volta a sentir: "The feeling is coming back now, she says. That's all" (Rooney, [2016]). Nesse excerto, a palavra "feeling" possui um duplo sentido, visto que pode se referir tanto à dor física decorrente da perda do efeito do anestésico utilizado na extração, quanto às dores impossíveis de serem validadas, decorrentes dos seus traumas ocasionados pelo abuso físico e psicológico. Pode também estar se referindo ao tratamento ambíguo de Connell em relação a ela, que fica "em cima do muro", evitando se envolver demais.

Contudo, o fato de ambos terem passado por esse processo de autorreflexão engendrado pela extração do dente do siso – que em inglês, não por acaso também é conhecido por "wisdom tooth"<sup>23</sup>, ou "dente do juízo", cujo surgimento marca a transição da infância para a idade adulta – faz com que Marianne tome consciência da própria dor. Quando "volta a sentir", ela é finalmente capaz de chorar, pois o fato de ela não estar mais anestesiada abre caminho para que novas relações discursivas e de gênero sejam construídas, tanto entre ela e Connell quanto em relação a sua própria subjetividade.

<sup>20</sup> Do original: Throughout the novel, Rooney tackles this and other questions, like where to draw the line between love and abuse, or whether or not human life is pointless.

<sup>21</sup> Do original: In some complex way this question, combined with the fact that Marianne is visibly crying, excites him. He thinks, involuntarily, of her naked body. He considers it an image of vulnerability rather than something sexual, but it feels like both. He knows that she's crying simply from a residual physical pain, which he doesn't take any pleasure in. But her desire to be cared for touches him.

<sup>22</sup> Do original: He's watching the traffic as if he's thinking of something else. [...] This is one of many dynamic strategies she employs to conceal from Connell what she feels for him. What she feels is not easily expressed anyway. People love all kinds of things: their friends, their parents. Misunderstandings are inevitable. You're still crying, are you? he says. The feeling is coming back now, she says. That's all.

<sup>23</sup> A tradução literal seria "dente da sabedoria".

## Considerações finais

Como foi dito, Sally Rooney tem sido comparada à consagrada escritora Jane Austen pelo fato de focar uma *slice of life*, ou seja, um grupo social específico constituído por jovens irlandeses de sua geração, *post crash*, vivenciando dilemas como relacionamentos mal resolvidos, falta de comunicação, desemprego após a universidade, entre outros. Além disso, tanto o romance *Normal People* (2018) quanto o conto "At the Clinic" (2016) versam sobre a forma como personagens oriundos de classes sociais distintas vivenciam a crise de maneiras também díspares. Apesar de Connell pertencer à classe trabalhadora e a família de Marianne ser privilegiada financeiramente, ambos frequentam a mesma universidade, o que nos faria supor que eles teriam, portanto, as mesmas oportunidades.

No entanto, quando olhamos de perto para as subjetividades que constituem Connell e Marianne, inferimos que o ponto nevrálgico de "At the Clinic" e *Normal People* é o fato de que o pessoal se torna político. Romances *millennial*, escritos por jovens sobre seu próprio *Zeitgeist*, como os romances de Rooney, são como janelas através das quais podemos enxergar as minúcias da luta individual em busca de aceitação, acompanhada pelo constante questionamento em relação ao que é ser "normal", em especial, quando a relação entre os gêneros masculino e feminino entra em jogo.

Além disso, em "At the Clinic", temos um paralelo entre o corpo em sofrimento de Marianne – a extração de um dente do siso – e o seu relacionamento mal resolvido com Connell. A conclusão do conto aponta para possibilidades de superação; o fato de Marianne ter passado pela extração do "dente do juízo" e "voltar a sentir", abre um espaço para que eles possam enfrentar as suas próprias dificuldades e, eventualmente, ficarem juntos. Connell e Marianne buscam a ocupação de espaços seguros e estáveis. Para Marianne, Connell é um "lugar" seguro. E vice-versa.

Para Connell e Marianne, segundo Sudjic: "Uma coisa é odiar o mundo e tentar mudá-lo. Outra

coisa é se odiar. Nenhum lugar parece um lar" (2019). Em parte, talvez essas narrativas *millennial* sejam uma resposta desses jovens, vivendo suas próprias lutas, a um sistema econômico cruel sustentado pelo racismo, sexismo, pelo sistema de classes e pela heteronormatividade que nos faz sentir estranhos a nós mesmos.

## Referências

- CAIN, Sian. How Mayo writer Sally Rooney became a literary phenomenon in the UK. *Irish Times*, [s. l.], Jan. 9, 2019.
- COLLINS, Lauren. "Sally Rooney gets in your Head". *The New Yorker*, [s. l.], Jan. 7, 2019.
- DILLANE, Fionualla; MCAREEVERY, Naomi; PINE, Emilie. *The Body in Pain in Irish Literature and Culture*. London: Palgrave McMillan, 2016.
- FERRITER, Diarmaid. *The Transformation of Ireland 1900-2000*. London: Profile Books, 2004.
- FOSTER, Dawn. The post-recession Literature we Needed. *Jacobinmag*, [s. l.], May 28, 2019.
- GRAY, Jane; GERAGHTY, Ruth; RALPH, David. *Family Rhythms: The Changing Textures of Family Life in Ireland*. Manchester: Manchester University Press, 2016.
- KRISTEVA, Julia. *Revolution in Poetic Language*. New York: Columbia UO, 1984.
- MCCORMACK, Mike. *Solar Bones*. Edinburgh: Canongate, 2017.
- McINERNEY, Lisa. *The Glorious Heresies*. New York: Tim Duggan Books, 2015.
- ROONEY, Sally. At the Clinic. *The White Review*, [s. l.], n. 18, 2016. Disponível em: <https://www.thewhitereview.org/fiction/at-the-clinic>. Acesso em: 26 ago. 2023.
- ROONEY, Sally. *Conversation with Friends*, London: Faber & Faber, 2017.
- ROONEY, Sally. *Normal People*. London: Faber & Faber, 2018.
- ROONEY, Sally. *Beautiful World Where are You*. London: Faber & Faber, 2018.
- SUDJIC, Olivia. Darkly Funny, desperate and Full of Rage: What makes a Millennial Novel? *The Guardian*, [s. l.], Ago 17, 2019.
- SUCHODOLSKI, Veronica. Why Calling Sally Rooney a 'Millennial Novelist' Does Her a Disservice. *Observer*, [s. l.], Oct 4, 2019.
- WEEDON, Chris. *Feminist Practice and Poststructuralist Theory*. London: Wiley-Blackwell, 1987.

---

## Mariana Bolfarine

Doutora e mestre na área de estudos linguísticos e literários em inglês pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil, com período sanduíche na National University of Ireland, Maynooth e pós-doutorado junto à USP. Bacharelado e licenciatura em Letras - Português/Inglês igualmente pela USP. Pesquisadora da Cátedra de Estudos Irlandeses WB Yeats (FFLCH/USP) e presidente da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses (ABEI). Professora adjunta do Curso de Letras-Língua e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), em Rondonópolis, MT, Brasil; e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Linguagens (PPGEL) da Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá, MT, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

### Mariana Bolfarine

Rua Cônego Eugênio Leite, 632, apto. 21

05414-000

São Paulo, SP, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação da autora antes da publicação.*